

## Referências bibliográficas

ALLWRIGHT, Dick; BAILEY, Kathleen M. **Focus on the Language Classroom**: an introduction to classroom research for language teachers. 3. ed. New York: Cambridge University Press, 1994.

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes. de (org.). **O Professor de Língua Estrangeira em Ação**. Campinas: Pontes, 1999.

ALVES, Rubem. **A Alegria de Ensinar**. 7. ed. Campinas: Papyrus. 2001.

ATKINSON, Paul; HAMMERSLEY, Martyn. Ethnography and participant observation. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **Handbook of Qualitative Research**. London: Sage Publications, Inc, 1994. p. 248-261

CAVALCANTI, Marilda do Couto; MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Implementação de pesquisa na sala de aula de línguas no contexto brasileiro. **Trabalhos em Lingüística Aplicada**, v. 17, 1991. p. 133-144

CELANI, Maria Antonieta Alba (org.). **Professores e formadores em mudança**: relato de um processo de reflexão e transformação da prática docente. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

CONSOLO, Douglas Altamiro; VIEIRA-ABRAHÃO, Maria Helena (org.) **Pesquisa em Lingüística Aplicada**: ensino e aprendizagem de língua estrangeira. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. Introduction: entering the field of qualitative research. In: **Handbook of Qualitative Research**. London: Sage Publications, Inc, 1994. p. 1-23

FONTANA, Andrea; FREY, James H. The interview: from structured questions to negotiated text. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **Handbook of Qualitative Research**. 2 ed. London: Sage Publications, Inc, 2000. p. 645-672

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 21. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002

GAGO, Paulo Cortes. Questões de transcrição em Análise da Conversa. In: **Veredas** – Revista de Estudos Lingüísticos. Universidade Federal de Juiz de Fora. V. 6, n. 2, jul/dez 2002. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2003. p. 89-113

GARCEZ, Pedro M. Transcrição como Teoria: a identificação dos falantes como atividade analítica plena. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da; BASTOS, Liliana Cabral (orgs.) **Identidades: recortes multi e interdisciplinares**. Ed. Mercado de Letras, 2001. p. 83-95

GERALDI, Corinta Maria Grisolia; FIORENTINI, Dario e PEREIRA, Elisabete Monteiro de A. **Cartografias do trabalho docente: professor (a)-pesquisador (a)**. Campinas: Mercado de Letras, 2001. 2ª imp.

GIMENEZ, Telma (org.). **Trajetórias na Formação de Professores de Línguas**. Londrina: Ed. UEL, 2002.

GOFFMAN, Erving. *Footing*. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. **Sociolingüística Interacional**. São Paulo: Edições Loyola, 2002. p. 107-148

\_\_\_\_\_. **Forms of Talk**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1981.

\_\_\_\_\_. *Self-Presentation*. In: LEMERT, Charles; BRANAMAN, Ann. **The Goffman Reader**. Oxford: Blackwell, 1997. p. 21-26

\_\_\_\_\_. *The self as ritual object*. In: LEMERT, Charles; BRANAMAN, Ann. **The Goffman Reader**. Oxford, Blackwell, 1997. p. 27-34

GUBA, Egon G.; LINCOLN, Yvonna S. Competing paradigms in qualitative research. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **Handbook of Qualitative Research**. Thousand Oaks: SAGE Publications, 1994. p. 105-117

GUMPERZ, J. J. Contextualization and understanding. In: DURANTI, Alessandro; GOODWIN, Charles (eds.). **Rethinking Context: language as an interactive phenomenon**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992. p. 229-252

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.

MAGALHÃES, Maria Cecília C. (org.) **A formação do professor como um profissional crítico: linguagem e reflexão**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

MAIA, Eny Marisa (coord.). **Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio**. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Brasília: MEC; SEMTEC, 2002.

MATURANA, Humberto. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Tradução e organização: MAGRO, Cristina; PAREDES, Victor. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001. p. 19-124

OLIVEIRA, Tais Leal de. **“Sei lá, maluco, aí...”**: estratégias de evitação de posicionamento do adolescente na construção de identidades masculinas. Dissertação de Mestrado: Puc-Rio, RJ, 2002.

PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (orgs.). **Professor Reflexivo no Brasil**: gênese e crítica de um conceito. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

PRABHU, N. S. There is no Best Method – Why? **Tesol Quarterly**, v. 24/02, 1990.

Resolução N° 19/1996. Disponível em:  
<<http://www.graduacao.ufjf.br/2004/tprofessional/aluno/loginaluno.php>>  
Acesso em: 23 de janeiro de 2007.

SCHIFFRIN, Deborah. **Approaches to Discourse**. Oxford: Blackwell, 1994.

VAN LIER, Leo. **The Classroom and the Language Learner**. London: Longman, 1988. p. 1-70

\_\_\_\_\_. **Interaction in the Language Curriculum**: awareness, autonomy, and authenticity. London: Longman, 1996.

**ANEXO 1****Resolução Nº 19/1996****RESOLUÇÃO Nº 19/1996**

Fixa normas sobre o Programa de Treinamento Profissional e dispõe sobre a respectiva bolsa.

O Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão - CEPE, da Universidade Federal de Juiz de Fora, no uso de suas atribuições e tendo em vista o que consta do Processo 23071.004937/91-17 e que foi deliberado, por unanimidade, em sua reunião do dia 02 de julho de 1996,

**R E S O L V E:****CAPÍTULO I****DAS DISPOSIÇÕES PRELIMINARES**

Art.1º - A presente Resolução fixa as diretrizes do Programa de Treinamento Profissional da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Art.2º - O Programa de Treinamento Profissional, vinculado à Pró-Reitoria de Ensino visa proporcionar aos alunos a participação em projeto acadêmico de ensino.

Parágrafo único – A Pró-Reitoria de Ensino expedirá instruções para a elaboração do projeto.

Art.3º - O Programa de Treinamento Profissional será gerenciado pela Pró-Reitoria de Ensino.

Art.4º - A participação no Programa de Treinamento Profissional será admitida após a prestação de Termo de Compromisso, que definirá as responsabilidades do aluno e do órgão proponente.

Parágrafo único – O Termo de compromisso será firmado entre o aluno e a Universidade, representada pela Pró-Reitoria de Ensino.

Art.5º - O Programa será mantido com recursos orçamentários da Universidade.

Art.6º - A Bolsa de Treinamento Profissional terá seu valor proposto pela Pró-Reitoria de Planejamento e fixado pelo Conselho Universitário, sendo paga mensalmente, à vista de folha de frequência do bolsista.

## CAPÍTULO II DA NATUREZA DO PROGRAMA DE TREINAMENTO PROFISISONAL

Art.7º - O Programa de Treinamento Profissional, aberto a candidatos de 2º grau profissionalizante e a graduandos da Universidade e a ser orientado por docente da UFJF ou profissional da área, tem por objetivo permitir o aperfeiçoamento profissional, em campo de treinamento profissional da Universidade, específico e compatível com a habilitação cursada pelos bolsistas.

Parágrafo único – é expressamente proibido que a participação no programa seja revertido em estágio curricular.

## CAPÍTULO III DO REGIME DE PARTICIPAÇÃO

Art.8º - O regime de participação é de 12 horas semanais de atividades.

Parágrafo único – O horário das atividades do bolsista não poderá , em hipótese alguma , prejudicar o cumprimento de suas obrigações discentes.

Art. 9º - A Bolsa de Treinamento Profissional não poderá ser acumulada com outra, ainda que de espécie diferente.

Art. 10 – O bolsista não terá nenhum vínculo empregatício com a Universidade.

Art.11 – A participação no Programa de Treinamento Profissional terá a duração máxima de dois períodos letivos, vedada a prorrogação.

## CAPÍTULO IV DA SELEÇÃO

Art. 12 – Na seleção dos bolsistas do Programa de Treinamento Profissional serão levados em consideração os seguintes critérios.

I – Projeto formulado pelo órgão proponente e aprovado pela Pró-Reitoria de Ensino;

II – Histórico Escolar do candidato, garantida a correlação das disciplinas cursadas com o trabalho prático do treinamento profissional;

III – disponibilidade horária do candidato;

Parágrafo primeiro – A seleção será realizada pelo órgão a que se vincula o Projeto, por meio de Comissão especialmente designada.

Parágrafo segundo – A seleção será supervisionada, coordenada e, afinal homologada pela Pró-Reitoria de Ensino.

## CAPÍTULO V DOS DIREITOS E DEVERES

Art. 13 – São direitos do bolsista:

- I – receber carteira de identificação;
- II – obter remanejamento de horário de treinamento profissional, em virtude de provas e de apresentação de trabalho;
- III – receber Certificado de Exercício de Treinamento Profissional.

Parágrafo único: O Certificado de Exercício de Treinamento Profissional será expedido pela PROEN, à vista de “ Conceito Favorável” do Orientador, àquele que tiver exercido suas atividades, pelo menos por um período letivo.

Art. 14 – São deveres do bolsista:

- I – cumprir as normas do Programa , bem como o plano de atividades a ele atribuído no projeto;
- II – apresentar à PROEN relatório semestral das atividades desenvolvidas, bem como sugestões para a avaliação do Programa;
- III – participar da reunião semestral, para a avaliação do Programa.

Art.15 – São deveres do proponente do projeto:

- I – elaborar projeto acadêmico de ensino a ser executado pelo bolsista, submentendo-o à PROEN;
- II – estruturar e encaminhar o desenvolvimento das atividades, em comum acordo com o bolsista;
- III – aprovar o relatório semestral do bolsista, submetendo-o à PROEN;
- IV – apresentar uma avaliação do desempenho do bolsista à PROEN;
- V – participar de reunião semestral de avaliação do Programa;
- VI – cumprir e fazer cumprir as normas do Programa;

VII – apresentar folha de freqüência do bolsista à PROEN, até o último dia de cada mês.

## CAPÍTULO VI DA EXCLUSÃO DO BOLSISTA

Art.16 – O bolsista será excluído do Programa por:

- I – modificação das condições regulamentares que determinaram a participação;

II – abandono do Curso ou trancamento de todas as disciplinas do período;

III – solicitação do bolsista, apresentada com antecedência de 15 (quinze) dias , ao órgão proponente, para encaminhamento à PROEN;

IV – descumprimento ou cumprimento insatisfatório de suas atribuições.

Parágrafo único – A exclusão de que trata o item IV será determinada pela PROEN, de ofício ou por provocação do órgão proponente, dela cabendo recurso ao Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão – CEPE.

## CAPÍTULO VII DISPOSIÇÕES TRANSITÓRIAS

Art. 17 – No prazo de um ano, a contar da data de entrada em vigor desta Resolução, a PROEN deverá encaminhar à aprovação do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão – CEPE, os critérios de seleção do Programa de Treinamento Profissional.

Art. 18 – Esta Resolução entra em vigor na data de sua assinatura.

Juiz de Fora, 02 de julho de 1996

Joaquim Pinto Domith  
Secretaria dos Órgãos Colegiados

Renê Gonçalves de Matos  
Reitor

**ANEXO 2****Notas expandidas**

PROJETO DE TREINAMENTO PROFISSIONAL  
NOTAS EXPANDIDAS

PESQUISADORA: Fernanda Henriques Dias

NE001

DATA: 17 de agosto de 2004 (Terça-feira)

HORA INÍCIO: 14:40 h

HORA TÉRMINO: 15:20 h

LOCAL: Escola Estadual João de Freitas

FENÔMENO: Pedido de autorização para a pesquisa

Ao entrar na escola me dirigi à secretaria, onde tive que esperar por um longo tempo até ser atendida. Ao mencionar que estava precisando fazer um estágio, a secretária me encaminhou para a diretora (Norma). Após conversar com a mesma ela me pediu que aguardasse, enquanto ela chamaria a supervisora. A diretora me ofereceu uma cadeira na sala dos professores, onde fiquei esperando. Enquanto isso, observei que na sala dos professores os alunos entram e saem quando querem.

Através dos armários dos professores pude ver que a escola possui muitos professores e, no horário, li o nome de pelo menos três professores de Inglês.

Ainda enquanto esperava, entrou na sala dos professores a mãe de um dos alunos do colégio. Perguntei a ela desde quando o colégio está instalado neste local e ela disse que eles mudaram para lá mais ou menos em abril. Disse também que o prédio antigo estava cheio de rachaduras e infiltrações e que estava muito arriscado continuar lá. Disse que havia propostas de mudar de local novamente em agosto, mas as conversas cessaram e ela acredita que a escola não mudará, pelo menos até o fim deste ano. Durante todo o tempo de espera, em algum lugar da escola estava tocando a música “Poeira” (repetidas vezes) com o volume alto o

bastante para ser ouvida em todo o colégio. Considerei o som desapropriado, já que era horário de aula.

Finalmente a diretora me levou à sala da supervisora (Marcele). Expliquei à mesma do que se tratava meu “estágio” e ela disse que só havia uma professora efetiva de Inglês e que, por ela ser nova na escola, eu também precisaria da permissão da professora.

Como a professora não estava na escola, combinamos que eu voltaria em outro dia, na parte da manhã. Voltei à sala dos professores e verifiquei o horário da professora com o propósito de voltar ao colégio em um dia em que a mesma estivesse presente.

PESQUISADORA: Fernanda Henriques Dias

NE002

DATA: 19 de agosto de 2004 (Quinta-feira)

HORA INÍCIO: 06:55 h

HORA TÉRMINO: +-08:00 h

LOCAL: Escola Estadual João de Freitas

FENÔMENO: Pedido de autorização para a pesquisa

Cheguei à escola às 6:55 h, já que a professora de Inglês tinha uma aula às 7:00 h e a Marcele chegaria também neste horário.

As secretárias me encaminharam novamente para a sala dos professores onde estavam vários professores.

Um professor me ofereceu uma cadeira e eu fiquei sentada. Alguns professores perguntaram o que eu estava fazendo, outros me ofereceram café. Ao dizer que estava esperando a supervisora e a professora de Inglês, os professores me disseram que a outra supervisora (Joana) estava no colégio e que eu poderia resolver a questão do estágio com ela e que seria até mais fácil.

Um professor me chamou para fora da sala dos professores e disse:

Professor: – Não deixa a Marcele pegar no seu pé não que ela é muito chata. Além disso, essa professora de Inglês é uma droga, não sabe nada. É um nojo. Acha que manda no pedaço.”

Aproveitei a oportunidade da conversa para buscar dados:

Eu: – Mas ela não é a única efetiva aqui?

Professor: – Não é efetiva nada!

Eu: – Mas tem outros professores de Inglês, não tem?

Professor: – Ih! Cada um pior que o outro. É uma porcaria. Além disso acho melhor você conversar com a Joana, que é a outra supervisora, porque a Marcele é doida.

O professor me mostrou a professora de Inglês (Mariana) e me levou até a Joana. Ele me apresentou a ela. Joana me atendeu prontamente, eu expliquei que precisaria fazer um estágio de Inglês para um projeto e que eu já tinha conversado com a Marcele. Fomos juntas procurar a Mariana, e enquanto procurávamos, ela me falou que apenas uma parte do colégio estava emprestada para ser usada pela E.E.J.F. Percebi que as instalações não são apropriadas para crianças, já que há um vão do primeiro ao último andar do prédio, cujo muro é mais baixo que minha cintura, sendo que uma criança facilmente o ultrapassaria.

Ao encontrarmos a professora, Joana a chamou. Ela parou a aula para nos atender. Joana pediu permissão à Mariana e eu disse que, devido aos meus horários, só poderia assistir às aulas das turmas 6B e 7A. Mariana rapidamente me sugeriu a turma 7A na qual “os alunos são melhores”. Disse também que eu não poderia começar já o estágio porque ela estava dando aula em duas turmas ao mesmo tempo devido a um curso do estado (que eu associei ao Simpósio da Semana do Professor) que os outros professores estavam fazendo e então os horários tiveram que ser reduzidos e modificados. Eu disse a ela que começaria na semana seguinte e que escolheria a turma mais apropriada de acordo com o meu horário. Joana me levou à sala dos professores, onde me passou o horário das turmas 6B e 7A.

PESQUISADORA: Fernanda Henriques Dias

NE003

DATA: 23 de agosto de 2004 (Segunda-feira)

HORA INÍCIO: 06:50 h

HORA TÉRMINO: 10:35 h

LOCAL: Escola Estadual João de Freitas

FENÔMENO: Aulas de Inglês das turmas 6B e 7A

Cheguei na escola às 6:50 h e fui convidada a sentar na sala dos professores. Os mesmos ficaram conversando sobre o fim de semana. Às 7:05 h a Mariana chegou e eu pedi permissão para assistir às aulas tanto da 6B quanto da 7A e ela autorizou. Às 7:10 h a professora foi para a sala e às 7:15 h fez a chamada da turma 6B. Alguns alunos colocaram o caderno e o livro (Password) sobre a mesa. De acordo com a chamada, havia 22 alunos presentes e 7 ausentes, dando um total de 29 alunos. Duas alunas entram na sala atrasadas e uma delas reclama que tem gente no seu lugar. Enquanto ela discute, outro aluno chega. A professora vai até a porta e pergunta onde ele estava e chama a atenção do mesmo. As meninas trocam de lugar. A professora pede, então, para quem não copiou o texto da aula anterior para copiá-lo para a próxima aula e avisa que ainda não é preciso traduzi-lo porque ela ainda não terminou a matéria de números.

Pede aos alunos que abram os cadernos para olhar quem fez o dever de casa e completa:

Mariana: – Quem não terminou, que eu vi que é a maioria, vai terminando.

É importante notar que todo o tempo a professora usa o registro informal da Língua Portuguesa ao se dirigir aos alunos.

Uma das alunas (Fabiana) começa a procurar algum aluno que tenha o texto da aula anterior:

Fabiana: – Você tem? Você tem? (espera resposta) Ninguém tem!

Outro aluno: – Eu vim na aula mas não copieei.

Um dos alunos pergunta à professora qual era o dever de casa e ela responde:

Mariana: – Pedi pra escrever todos os números de 1 a 100.

A professora continua olhando os cadernos e pára em um dos alunos.

Mariana: – Já olhei o seu?

Aluno: – Já.

Mariana: – Eu não olhei não. O “7” seu tá errado! Como é que eu posso ter olhado? É com N.

Continua olhando os cadernos e então comenta com a turma.

Mariana: – Gente, cês tão escrevendo tão errado! Muito errado mesmo! Impressionante.

Após um tempo olhando os cadernos, o telefone celular da professora toca e ela vai desligá-lo. Um dos alunos fala: “Direitos iguais!”

Mariana: – Direitos iguais não senhor. Professor, professor. Vocês são alunos.

Continua olhando os cadernos e repete:

Mariana: – Gente, mas cês tão escrevendo errado **demais**.

Enquanto a professora olha os cadernos, alguns alunos fazem o exercício, outros conversam, mas o silêncio se mantém relativamente.

A professora pergunta: “Gente, aí na frente tá falando é por que já terminou?” Dois alunos respondem que já terminaram e continuam conversando. A professora continua olhando os cadernos, pára em um aluno e comenta: “Tá tudo escrito errado!” Volta-se para a turma e fala: “Oh gente! Cês copia errado, escreve errado no caderno, depois faz errado na prova.”

Parou então ao meu lado e me explicou que está dando de 0 a 100 na sexta série porque eles não aprenderam na quinta e que vai continuar até 1000 (que é a matéria da sexta série). Disse que na sétima série, em algumas turmas ela começou do 0 e que na sétima A, que é a melhor turma (porque nas outras ninguém aprende nada) ela já ensinou até os bilhões.

Às 7:30 h a professora começa a olhar os cadernos de novo. Chama a atenção de um aluno que estava conversando e que ainda nem tinha começado. Continua olhando os cadernos e resolve mudar um aluno de lugar.

A professora comenta de novo: “Oh gente, se isso fosse uma prova vocês estão copiando e iam tirar nota péssima (pausa). **Nossa!** Estão todos errados. Não tem nenhum certo. Você não copiou isso não? Você tirou da sua cabeça?”

A supervisora Marcele entra na sala e pergunta se pode conversar com os alunos. Volta-se para os alunos e pergunta, de forma bruta: “Eu quero saber quem foi que disse que eu disse.”

Os alunos, assustados, ficam olhando para a supervisora, imóveis e demonstrando não estarem entendendo o que está acontecendo.

Depois de alguns segundos de silêncio a supervisora continua: “Eu quero saber quem foram as três meninas que disseram que eu disse. Eu fui bem clara. As três meninas que disseram que eu disse e que o Nuno colocou no jornal.”

Os alunos então começam a se entreolhar, assustados, e ainda sem entenderem o que estava acontecendo.

Marcele: – Hein gente? Quem são as três meninas que estavam na minha sala e que disseram que eu disse?

Então, três meninas levantam o dedo e uma delas começa a explicar que ela estava na sala da supervisora, mas que ela não sabia o que era que elas tinham dito.

A Marcelle então começa a falar de forma rígida com a turma, chama as três meninas para a frente da sala. Só então explica o que aconteceu. Fala para a turma que devido às fofoqueiras da sala (as três alunas) o Nuno, que também gosta de um fuxico, havia escrito em seu jornal que a professora de Educação Física (Elba) tinha sido expulsa do colégio, por ter mandado as três alunas para a supervisora, já que elas estavam matando aula. Explica o que é um professor efetivo e diz que a professora Elba só trabalhava na escola para completar carga horária e, como ela havia conseguido mais aulas na outra escola, ela não precisaria mais dar aulas no colégio. Avisa para os alunos terem cuidado com as três meninas e com o Nuno porque os considera perigosos por serem fofoqueiros e mentirosos. Conta que em outra escola já processou uma professora que falou mentira sobre ela e pergunta a eles o que eles acham que pode acontecer com os pais deles, já que os alunos são menores de idade (em forma de ameaça). Para terminar, avisa que pelo menos por um mês a turma vai ficar sem recreio, conversando com ela, para aprenderem a não fazer fofoca e que ela iria pensar se o jornal poderia continuar ou não. Pede desculpas à professora por ter interrompido a aula e diz que depois conversaria com os quatro fofoqueiros.

Dá 8:00 h, e a professora continua chamando a atenção da turma por causa do jornal e diz ao Nuno que ele deveria saber melhor o que publicar. Às 8:05 h sai da sala e vai para a outra turma (onde a aula deveria ter começado às 7:50 h).

Após a aula da 6B fui até a Joana para pedir permissão para tirar fotos da escola. Ela me levou até à diretora (Norma), que me pediu para explicar o motivo das fotos. Quando falei que estava fazendo uma pesquisa com base etnográfica, a supervisora começou a explicar o que era etnografia e então a diretora, Norma,

deu permissão para fotografar tanto a parte interna quanto a parte externa, desde que a professora e os alunos permitissem (caso eles aparecessem nas fotos). Então resolvi andar pelo colégio anotando as informações para a descrição física da escola.

A escola fica localizada bem no centro da cidade, num local de fácil acesso (próximo às principais ruas da cidade). O prédio é alugado ou emprestado e pertence ao Colégio Santo Antônio, um colégio particular que oferece cursos técnicos e profissionalizantes correspondentes às séries de Ensino Médio. Isso significa dizer que a estrutura física não é apropriada para receber crianças. A frente do prédio fica voltada para uma rua por onde os alunos entram na escola e os fundos dão para outra rua. O prédio possui cinco andares, todavia, por estar situado em um morro, sua entrada corresponde ao quarto andar do prédio.

Começarei falando do primeiro andar. O primeiro andar é utilizado pela “Rádio & Som” e, por isso, as passagens que dão acesso ao primeiro andar ficam fechadas. Todavia, enquanto observava a estrutura, uma faxineira (usando o mesmo uniforme dos faxineiros da escola) aparece e deixa um saco de lixo no primeiro andar, próximo a outro saco de lixo. Percebo então que o local é sujo e que há no chão riscos de giz. Em um dos cantos está escrito GOL, como se o local tivesse sido usado por alunos. A entrada para o primeiro andar se dá pelos fundos do prédio, porém os alunos não têm permissão para usar esta entrada. Não é possível ver a parte da frente do primeiro andar.

No segundo andar, a parte dos fundos à esquerda é destinada à “Rádio & Som” e, portanto, os alunos não têm acesso à mesma. Nos fundos, à direita há uma sala de aula em uso, uma sala de aula trancada e um banheiro masculino e um feminino. Na parte da frente há um refeitório (que parece ser gratuito), uma cantina (paga), dois bebedouros, um banheiro masculino e um feminino e ainda um local (armário) onde ficam materiais de limpeza.

Na parte da frente do terceiro andar encontram-se um banheiro masculino e um feminino. Na esquerda, à frente, ficam um laboratório, uma cantina (paga) e algumas salas (que não estavam sendo usadas no momento da observação). À direita há algumas salas em uso pelo Colégio Santo Antônio. Nos fundos, à esquerda, há algumas salas que também não estavam sendo usadas; há também um banheiro masculino e um feminino (todavia os banheiros não têm pia); há dois bebedouros e, ao lado dos mesmos, duas pias. Na parte dos fundos, à direita,

ficam três salas (sendo duas salas de aula e uma biblioteca) e um banheiro masculino e um feminino.

O quarto andar, como já dito, corresponde à entrada utilizada pelos alunos. Na parte da frente, à esquerda, fica a secretaria do Colégio Santo Antônio e, logo após, a secretaria da E. E. J. F. e a sala dos professores do E. E. J. F. e, ainda, uma sala de enfermagem e um laboratório de informática, ambos fora de uso. A sala dos professores possui armários encostados na parede esquerda, uma mesa grande com várias cadeiras ao centro. Na mesa, ficam um arranjo de flores e os três livros nos quais os professores assinam o ponto. Na parede direita ficam dois murais com avisos e horários e, encostada na parede, uma mesa com café e xícaras. Ao lado dos armários há um vidro com água e copos descartáveis. Descendo, então, dois ou três degraus encontra-se um espaço separado por uma mureta. Nesse espaço fica uma mesa com um mimeógrafo e uma máquina de escrever. Através desse espaço fica a porta que dá acesso à sala da diretora. Porém, não foi possível ver como é tal sala. É por esse espaço também que se tem acesso ao banheiro usado pelos professores que, embora pequeno, é limpo e possui todos os recursos necessários em um banheiro. Ainda na parte da frente, à esquerda há uma secretaria do Colégio Santo Antônio, um banheiro feminino e um masculino, duas pias e dois bebedouros e algumas salas em uso (onde são ministradas aulas do Colégio Santo Antônio). De frente para a entrada do colégio há um mural sobre as olimpíadas, feito por alunos e professores da E. E. J. F. No quarto andar, na parte dos fundos, à direita, ficam algumas salas (em uso pelo Colégio Santo Antônio) e ainda dois banheiros (masculino e feminino), duas pias e dois bebedouros. À direita, fica a sala das supervisoras da E. E. J. F., três salas de aula e um banheiro masculino e um feminino.

No quinto andar, na frente, há algumas salas em uso pelo Colégio Santo Antônio (tanto à direita quanto à esquerda). À esquerda há também uma quadra, onde duas alunas estavam jogando bola. Todavia não consegui entrar na quadra para descrevê-la. À direita, há um tanque onde algumas alunas da E. E. J. F. estavam trabalhando com argila. Na parte dos fundos, à esquerda, há algumas salas fechadas, bem como dois bebedouros, dois banheiros e duas pias. À direita, também nos fundos, há três salas de aula e dois banheiros.

A E. E. J. F. tem permissão para usar a parte direita dos fundos apenas. A altura dos muros internos corresponde mais ou menos à altura da minha cintura, o que pode ser considerado baixo para um local que trabalha com crianças.

A sala da sexta série B tem carteiras para 31 alunos. Parte da parede é feita de tijolos abertos, de modo que é possível ver o que está acontecendo fora e dentro da sala de aula. A porta tem uma janela de vidro.

A sala da sétima série A é igual à da sexta série B, porém não há vidro na porta e a capacidade é de 27 alunos.

Às 9:10 h a campainha da escola tocou, indicando o intervalo dos alunos do Colégio Santo Antônio. Os corredores então ficaram cheios de alunos e, por todo o colégio, ouvia-se muito barulho.

Fui para a sala dos professores. A partir de 9:25 h os professores começaram a chegar na sala para o intervalo (que deveria começar às 9:30 h). Duas serventes levaram a merenda (no caso, macarrão) e os professores ficaram comendo. A Natália, outra professora de Inglês, começou a conversar com a Mariana sobre o Simpósio de Professores. Disse ter assistido a um seminário muito bom sobre o ensino de Inglês. Mariana perguntou o que foi dito no seminário e a Natália respondeu que o que foi dito é o que eles já fazem mesmo. “Falou que tem que ensinar a gramática no texto, que tem que ensinar a ler e que não precisa dar um monte de nome para o conteúdo gramatical.” A Mariana discordou e disse que tem que ensinar gramática mesmo, porque foi assim que ela aprendeu. Disse que se os alunos não aprendem a gramática, então não vão aprender nada, sem a gramática. A outra professora concordou e então elas começaram a falar sobre casas. A Mariana então mostrou uma revista de artigos para casa, voltou-se para mim e disse sorrindo: “Estou montando minha casa e, como não tenho tempo, levo minhas revistas para todos os lugares. Aí, quando eu tenho um tempinho, quando mando os meninos fazerem um exercício, eu aproveito para dar uma olhada.”

Mariana então me disse que nas segundas-feiras ela dá 15 aulas e nas terças 14 aulas, mostrando o tanto de aulas que ela dá, já desde o início da semana.

Um professor perguntou quem assistiu à peça de teatro feita por alunos de uma outra escola pública. A Mariana perguntou, com um tom duvidoso, se a peça tinha sido boa, e completou que em escola estadual é impossível trabalhar

com teatro. O professor respondeu que a peça tinha sido ótima. Após a confirmação por outra professora, ele ainda comentou que em outro lugar onde ele tinha trabalhado (também escola estadual) ele tinha feito com os alunos uma peça em grego e sugeriu à Mariana que montasse com eles uma peça em Inglês. Ela respondeu que seria impossível, já que os alunos não se importam com nada.

O intervalo acabou e então fomos para a sala da sétima série A. A aula começou às 09:55 h, quando a professora cancelou a prova e disse que daria um trabalho, por causa das notas baixas das outras turmas de sétima série. Explicou que o trabalho seria com consulta, podendo também tirar dúvidas com ela.

Pedi aos alunos que tirassem uma folha do caderno e escrevessem nome e número e então ela saiu da sala para buscar giz.

Enquanto a professora estava fora da sala, os alunos ficaram conversando e um deles, indignado, comentou: “Ah! Cê estuda pra não ter prova!”. A professora voltou e passou o trabalho no quadro. Ela ficou de costas para a turma o tempo todo, exceto quando estava pedindo silêncio.

Os alunos perguntaram se tinha que colocar nome, número e série e ela respondeu de costas mesmo.

De costas, escrevendo no quadro, também conversou com os alunos:

Mariana: – Gente, eu quero perguntar uma coisa: cês acham que algum dia cês vão esquecer esses números?

Aluno: – Nunca mais.

Outra aluna pergunta: – Professora, por que esse exagero?

Mariana: – Ué. Pra vocês fazerem o trabalho.

Aluna: – Não é melhor você dá prova?

Mariana: – Nossa, que preguiçosa!

Outro aluno: – Vai até a letra Z?

Mariana: – Gente, relaxa que vai ter um monte. Vocês vão ter sábado à tarde ou à noite para terminar.

Enquanto a professora passava no quadro, os alunos ficaram conversando e reclamando. Uma aluna levantou e ficou dançando no meio da sala e a professora, virada para o quadro, nem mesmo percebeu.

Outro aluno reclamou: – Nossa professora, tá bom!

E a professora, irritada, respondeu: – Gente, já cansei. Acho que precisa disso que vai ser útil, então tem que fazer! Pode ser chato, mas tem que fazer.

O trabalho que a professora passou no quadro vem a seguir. O título não foi passado no quadro, mas a professora deu a seguinte explicação oral: “Cês têm que escrever esses números em Inglês”.

- a) 987.654.321.123
- b) 123.456.789.876
- c) 444.555.332.222
- d) 943.866.545.323
- e) 364.747.325.126
- f) 149.236.344.498
- g) 700.600.500.400
- h) 918.815.711.612
- i) 636.727.848.959
- j) 222.111.100.600
- k) 740.630.240.950
- l) 843.754.963.632
- m) 240.420.150.510
- n) 854.733.621.510
- o) 978.645.231.321
- p) 189.158.117.162
- q) 643.772.884.995
- r) 407.306.402.509
- s) 348.457.369.236
- t) 458.337.126.105
- u) 800.200.300.100
- v) 463.774.523.621
- w) 941.632.443.894
- x) 104.205.306.407
- y) 900.888.700.666
- z) 610.711.812.913
- aa) 631.543.973.640
- bb) 870.444.312.200
- cc) 209.306.401.504
- dd) 100.200.300.400

Após passar no quadro, a professora falou: – Data de entrega: até segunda-feira.

Aluno: – Vai valer quanto?

Mariana: – Deve ser de 10 a 15.

Outro aluno: – Professora, então não vou fazer mais nada essa semana. Só isso daqui.

Outra aluna: – Para acabar isso aqui hoje, eu não posso fazer mais nada, aí eu tenho que matar aula de Inglês.

Mariana: – Você vai faltar aula de Inglês para fazer exercício de Inglês?

Aluna: – Claro que não. Ainda mais aquelas coisas complicadas.

Mariana: – Ah bom!

Depois de um tempo, a conversa com a professora recomeça.

Aluno: – Eu vou fechar esse trabalho, professora.

Mariana: – Espero que todos fechem, porque vocês já fizeram um monte de exercício.

Aluno: – Quem não fechar, você pode passar mais uns.

Mariana: – Ótima idéia. Quem errar mais de sete eu passo outra bateria.

Aluno: – Ou, minha prova de Inglês lá do curso podia ser assim, né?

Outro Aluno: – Ah! Lá é fácil!

Aluno: – Pra você, né!

Enquanto os alunos copiam, a professora fica sentada à sua mesa, cantando. Depois, começa a conversar com os alunos sobre o *Miss Gay* e os alunos falam sobre “ficar” e namorar e contam casos uns dos outros.

Os alunos falam muito e levantam. Então a professora levanta e vai passando de mesa em mesa e mandando eles terminarem de copiar.

Um aluno fala: – A gente vai ralar, mas a professora vai ralar muito mais. Bem feito, professora!

Mariana: – Isso mesmo! Façam como se estivessem me maltratando!

Aluno: – Professora, você parece a Letícia da Malhação.

Mariana: – Quem é a Letícia da Malhação?

Outro Aluno: – Aquela chata!

Outro aluno, então, pergunta: – Professora, é para te maltratar?

Mariana: – É.

Aluno: – A gente te ama, professora. Então a gente não vai fazer não.

Depois de mais algum tempo, a professora lembrou de me apresentar para a turma. Os alunos me cumprimentam e batem palmas quando a professora disse que eu tinha escolhido aquela turma porque era a melhor. Eles então ficaram felizes, mas logo arranjaram um assunto.

Aluna: – Ela escolheu essa turma, porque ainda não me conhece!

Outra Aluna: – Coitada. Tô com pena dela!

A professora então pegou seu material, disse “bye-bye” e saiu da sala, determinando o fim da aula.

PESQUISADORA: Fernanda Henriques Dias

NE004

DATA: 26 de agosto de 2004 (Quinta-feira)

HORA INÍCIO: 06:50 h

HORA TÉRMINO: 08:40 h

LOCAL: Escola Estadual João de Freitas

FENÔMENO: Aulas de Inglês das turmas 6B e 7A

Cheguei à escola e fui direto para a sala dos professores, onde encontrei uma professora de Português, conversando com uma secretária (pedagoga aposentada). A professora estava exaltada, contando para a secretária que nenhuma providência tinha sido tomada em relação a um problema com um aluno da turma A. A conversa foi mais ou menos a seguinte:

PP (Professora de Português): – Eu falei com a Norma que eu não ia dar aula com aquele menino lá. Depois daquilo tudo não tomaram nenhuma providência e eu ia ser obrigada a agüentar desaforo e ainda ficar desmoralizada.

S (Secretária): – Nossa! Eles que tinham que ter feito alguma coisa. E a mãe dele?

PP: – A mãe dá apoio. Arruma mais confusão ainda. Aí a Norma foi lá e conversou com a turma. Mas aí, sabe o que aconteceu? Tava a turma toda lá, menos ele. Ele chegou atrasado e foi entrando. Aí eu falei: “Ele está entrando só para ouvir o que você tem pra dizer, Norma!” Porque eu não ia deixar ele ficar na minha aula. Faz as coisas e não acontece nada e eu ainda tenho que agüentar marginal na sala. Mas ainda bem que ele chegou a tempo de ouvir o que ela tava falando com a turma.

S: – E eles apóiam? Os outros alunos?

PP: – Às vezes. Eles não fazem, mas acham bonitinho. E se não acontecesse nada, daqui a pouco ia ter um monte de marginal na sala.

S: – E aí, o que aconteceu com ele?

PP: – Aí a Norma falou com a turma e levou ele com ela e deixou ele fazendo exercício. Mas a mãe apóia!

S: – É! Tem que tomar providência. Um pessoal assim não pode ficar não.

Como os outros professores estavam começando a chegar, o assunto acabou. Um dos professores chegou e disse que estava cansado. Comparou seu cansaço com uma bateria: na segunda-feira está cheia, aí a carga vai diminuindo e na quinta-feira de manhã sobra menos de 10%.

Os professores ficaram batendo papo e a diretora começou a conversar com a Mariana. Como eu estava longe, não pude saber do que estavam falando.

Deu o horário da aula e os professores foram saindo até que ficamos na sala dos professores eu, a Mariana, a Norma e a Joana. Então, foi possível ouvir a conversa. A Norma estava chamando a atenção da Mariana, porque um professor tinha dito que ela havia liberado os alunos mais cedo na segunda-feira. A Mariana disse que era mentira e que outros professores tinham liberado os alunos mais cedo do que ela. A Marcele chegou e então eu levantei e saí da sala. A professora, a supervisora e a diretora também levantaram e continuaram a conversa por mais um tempo. A Mariana então saiu da sala e fomos andando pelo corredor. A Mariana falou comigo:

Mariana: – Agora cê vê! Foram falar com a Norma que eu não dei a última aula na segunda-feira. Agora é assim? O professor pode escolher se vai dar aula ou não? (pausa) É impressionante! Tem gente que gosta de inventar. Mas tinha que ser justo comigo? Tinham que me pegar pra Cristo?

Encontramos com a Marcele no corredor e a Mariana parou para perguntar o que ela devia fazer. Disse que ia procurar saber quem foi que falou e que ia reclamar com a pessoa. A Marcele sugeriu que ela deixasse para lá e que não se importasse com o que tinha acontecido. Disse que a pessoa tinha reclamado de vários professores, mas o único nome que havia citado era o da Mariana.

Fomos para a sala da sexta série B. A aula começou às 7:20 h. A professora me apresentou e comentou: “Ela vai anotar se vocês falam muito!” e então fez a chamada. Durante a chamada, dois alunos ficaram perguntando se eu ia anotar se eles falam muito e perguntaram o que eu estava fazendo e porque eu estava anotando. Ao terminar a chamada, a professora falou:

Mariana: – Hoje nós vamos terminas os números.

Aluno: – E a tradução?

Mariana: – A tradução nós vamos terminar depois. Numbers.

Vira então para o quadro e escreve.

### Numbers

200- two hundred

500- five hundred

345- three hundred and forty-five

786- seven hundred and eighty six

989- nine hundred and eighty nine.

Enquanto ela escreve no quadro, os alunos ficam conversando agitados. Falam que é a aniversário da Fabiana (uma das alunas) e ficam falando dos ovos que trouxeram para jogar nela ao fim da aula.

Um aluno fala com a professora: – Professora, escreve o 100 de novo que eu esqueci de copiar.

O outro aluno responde: – “One randredi!”

E a professora, sem responder, escreve: “100 – one hundred” no quadro.

Após passar o número no quadro, a professora avisa: – É só copiar que depois eu vou explicar.

Fernando comenta: – Olha como escreve 345. Se pedir pra eu escrever 345 em Português eu acho que eu não sei!

A professora vai para a porta da sala e fica conversando com alguém que está do lado de fora. Os alunos, enquanto isso, ficam conversando.

Os alunos começam a fazer muito barulho e alguns ficam andando pela sala. A professora entra na sala e fala brava: “Gente, só um minutinho que eu tô atendendo uma mãe aqui e já já eu explico”.

Sai da sala e continua conversando.

Karina vira para mim e fala: – Tadinha, a moça deve tá arrependida de ter entrado nessa escola.

A bagunça continua e a supervisora entra na sala. Pede silêncio, vira-se para um aluno (Fernando), que no momento não estava participando da bagunça e fala: “E você, sua mãe já esteve aqui semana passada e vai vir aqui amanhã de novo. Acho que ela não vai receber notícias boas não.”

A turma fica em silêncio e ela sai da sala.

A professora entra na sala, lê os números 100, 200 e 500 e pergunta: “Como seriam os outros números? 300? 400? 600?”

A turma respondeu bem baixo.

Mariana: – Todo mundo consegue escrever isso aqui? (referindo-se aos números 300,400 e 600).

Aluno: – Escrever é fácil, só não dá pra falar!.

Mariana leu os outros números do quadro e disse que o “and” é opcional.

Mariana: – Eu vou passar alguns para vocês fazerem para mim.

Passa alguns números no quadro e sai da sala.

Karina pergunta para mim: – Você tá anotando se a gente tá conversando muito?

E eu respondi que não.

Um aluno fala alguma coisa sobre os Estados Unidos. E o Nuno responde: “Você não sabe nem pegar o ônibus que vai para o aeroporto!”

Eles continuam falando sobre os Estados Unidos. A professora entra na sala e os alunos começam a fazer o exercício (escrever os números do quadro por extenso).

Um aluno fala com a professora: “É mais fácil escrever do que falar.”

Karina fala para si mesma, batendo na testa: “Ai menina burra!”

Um aluno pergunta alguma coisa (incompreensível do lugar onde eu estava) e ela responde: – Tá querido, mas falta quatro minutos pra terminar a aula.

Outro aluno comenta: – E ela passou só quatro minutos de aula.

Alguns alunos riem com o comentário.

Um aluno chama a professora: – Professora, já acabei tudo. Fiz tudo de cabeça.

Mariana: – Você tá fera, então!

Um aluno fala: – A aula tá demorando acabar!

Outro aluno responde: – Aula chata é assim mesmo!

Karina: – Nossa, professora, é mesmo. Como é que cês foi gostar de Inglês?

Mariana: – Não sei como é que cês gostam de Matemática. Eu detesto Matemática!

A professora vai passando nas carteiras e olha o caderno de duas alunas: – Tá tudo errado! Você tá fazendo outra coisa e você fica conversando.

Depois de olhar os cadernos, a professora marca uma prova para quinta-feira.

A Karina pergunta para mim: “Você vai estar aqui?”. Em um tom malicioso, querendo saber se eu ajudaria durante a prova:

Eu: – Vou.

Karina: – Brincadeira.

Fabiana: – Você vai fazer prova com a gente?

Eu: – Se for em grupo e a Mariana deixar ...

A professora então pergunta: – Teve alguém que eu não passei olhando o caderno? Quero ver quem fez errado.

Como ninguém respondeu e, como já estava na hora da aula acabar, a professora juntou o material, disse “bye-bye” e foi embora.

No corredor, a professora falou comigo: – Odeio Matemática!

Eu respondi que gosto de Matemática e que na escola minhas melhores notas eram em Matemática.

Entramos na sala da sétima série A e, ao perceber que eu estava procurando um lugar para assentar, Marlene me ofereceu lugar ao lado dela.

Alguns alunos entregaram o trabalho de números para a professora.

Uma aluna pergunta: – Hoje você vai dar muita matéria?

A professora responde em tom irônico: “Não. Vou ficar a aula inteira à toa!” E completa, agora sem ironia: “Hoje a gente vai largar um pouco a gramática e vai pegar o livro.”

Faz a chamada e distribui os livros (já que os alunos não têm livro, pelo menos a maioria deles).

Um aluno fala: – Ah professora. Esse livro é empoeirado, fedido.

A professora finge não ter escutado e fala com a turma: – Esses livros perderam o mofo, cês lembram?

Dois alunos respondem.

Aluno 1: – Mais ou menos.

Aluno 2: – É mesmo.

Outra aluna comenta: – Ah esse livrinho é tão chatinho!

Mariana: – Vamos abrir na página 22.

Então a Marcele entra na sala, lê o nome de seis alunos e pede que eles saiam da sala, já com suas mochilas e materiais. Eles avisam que um dos alunos não está na sala e os cinco ficam na porta da sala, esperando. Enquanto isso, os outros alunos se mostram nervosos e os que estão em pé ficam tremendo.

A Marcele fala que a turma não tem tido um bom comportamento e explica que os cinco estavam sendo chamados por causa do comportamento na aula do dia anterior. Avisa que a turma vai ficar sem recreio por um bom tempo e sai da sala acompanhada dos cinco alunos.

Um aluno reclama com a professora e diz que não é justo ele ficar sem recreio se ele nem tinha ido à aula no dia anterior. A professora fala que a turma

não tem bom comportamento há muito tempo. Ele então diz que é injusto a Marisa e outra aluna (cujo nome não me lembro) ficarem sem recreio, pois elas não conversam, nem fazem bagunça.

Essa outra aluna então fala com a professora que a outra professora, que é mais calma, não dá aula por causa da turma, fica o tempo todo de braços cruzados esperando silêncio e, no fim da aula, passa exercícios e manda eles fazerem sozinhos e pergunta para a professora (em um tom de indignação): “É o resto que quer aprender?”

A professora então pergunta: – Mas cê acha que a gente tem que agüentar isso?

A aluna responde: – Mas então tem que punir!

A professora pega o livro e pede para abrir na página 22.

Mariana: – Eu vou fazer ao contrário. Vou deixar vocês fazerem sozinhos que, se eu bem conheço essa turma, vocês vão conseguir.

Eu então perguntei à professora onde ficava o banheiro.

Mariana: – Fica aqui do lado, mas esse banheiro é de aluno. É melhor não usar aqui não. Vai no da sala dos professores.

Na sala dos professores, encontrei duas alunas conversando com a diretora (Norma). A Norma perguntou porque elas estavam atrasadas e elas disseram que moram longe e que tinham chegado atrasadas porque não tinham dinheiro para o ônibus e então tiveram que ir a pé para a escola e justificaram que era a primeira vez que estavam chegando atrasadas.

Quando eu estava voltando para a sala, vi a professora em um dos corredores, também voltando para a sala, porém não pude saber por quanto tempo ela havia deixado os alunos sozinhos.

Os alunos ficaram conversando com a professora e contaram o que havia acontecido na aula do dia anterior. Depois de um tempo eles ficaram quietos fazendo o exercício. Um aluno começa a conversar com o outro e a professora fala: “Vou falar com a Marcele que acho que faltaram algumas [pessoas]” Os alunos pedem para ela não fazer isso.

Um aluno pergunta o significado de uma palavra e o outro responde que é só olhar no final do livro. A professora responde que é só descobrir o significado, de acordo com o resto do texto.

Ela pára perto de mim e fala sobre as diferenças entre trabalhar nas escolas do estado e da prefeitura. Disse que na prefeitura é melhor, porque as turmas são melhores e os professores têm direito de usar maior quantidade de xerox. Disse que gosta de trabalhar com adolescentes mas que na outra escola do estado onde ela havia trabalhado ela não gostava. Justificou que na outra escola os alunos ameaçavam e agrediam professores, e que às vezes ela saía de lá chorando, com medo. Lembrou, então, que eu havia pedido para fazer a entrevista com ela e perguntou: “Pode ser agora?” E então ela deu a entrevista na sala de aula mesmo, não se importando com a presença dos alunos.

Depois da entrevista ela conversou um pouco com os alunos, até a aula acabar.

PESQUISADORA: Fernanda Henriques Dias

NE005

DATA: 30 de agosto de 2004 (Segunda-feira)

HORA INÍCIO: 06:55 h

HORA TÉRMINO: 10:35 h

LOCAL: Escola Estadual João de Freitas

FENÔMENO: Aulas de Inglês das turmas 6B e 7A

Cheguei na escola às 6:55 h, junto com a Mariana. Ela falou comigo: “Fernanda, mas eu tenho um gênio ruim. Enquanto eu não souber quem falou que eu não dei aula segunda eu não vou ficar bem. E o pior que a primeira pessoa que eu tô vendo é quem eu acho que falou. Não sei, mas acho que vou resolver isso de uma vez.” E entrou na sala dos professores. Eu fiquei do lado de fora, mas como ela estava falando alto e gesticulando muito, vi que ela estava tirando satisfação com uma professora e os outros professores todos prestando atenção na conversa. Depois de um tempo, ela saiu da sala com o material na mão e falou comigo:

Mariana: – Ainda bem que eu falei, senão eu ia ficar entalada. E você acredita que todos os professores acharam um absurdo ela ter dito aquilo?! Ela falou que não foi ela não, ela só falou que reclamou de forma geral que alguns professores estão liberando os alunos muito cedo, mas que não falou meu nome. Você acha? Ela ia reclamar dos outros e não ia falar meu nome? Mas eu só não entendo porque que falou só o meu nome! Deve ter me achado bonitinha.

Entramos na sala de aula já eram 7:15 h. Ela fez a chamada e lembrou que a prova seria na próxima quinta-feira. A Karina me perguntou se eu ia ajudar na prova.

A professora avisou que a aula seria um teste de texto, em dupla. Dois alunos perguntaram para mim:

– Você vai fazer comigo?

A professora organizou a sala e às 7:20 h distribuiu o teste. Me deu um teste e disse para mim que acha esse teste muito fácil para eles, mas que se for mais difícil eles não conseguem fazer.

Pediu aos alunos para deixarem os cadernos abertos e então passou de mesa em mesa olhando os cadernos e apontando os erros.

O teste é um diálogo, que não considero difícil. Todavia, algumas das perguntas não têm resposta direta que possa ser extraída do texto, devendo ser

levada em conta a opinião do aluno. Além disso, a pergunta “f” contém um erro biográfico, que invalida a pergunta “e”.

A professora ficou no fundo da sala conversando comigo. Falou que podia ser um dado importante para minha pesquisa o fato de ter uma aluna surda na sala, com a qual ela não consegue se comunicar. Disse que tanto ela quanto os alunos têm boa vontade com a aluna que é surda, mas que os alunos também não conseguem comunicar com ela. Perguntei se a aluna sabe LIBRAS. A professora respondeu que sim, mas que os professores não sabem. Perguntei se a professora havia recebido algum treinamento ou orientação para trabalhar com deficientes auditivos e ela disse que só ficou sabendo que tinha uma aluna surda quando entrou na sala e tentou falar com a aluna. Disse que não sabe se ela consegue acompanhar a aula, mas que ela tem o caderno completo e que faz todos os deveres, mas acha que ela tem ajuda em casa.

Fiquei observando a aluna surda e o aluno que estava fazendo o teste com ela. Eles estavam “conversando” por escrito ou fazendo sim ou não com a cabeça. O aluno pareceu ter boa vontade com ela, mas ainda assim eles estavam demonstrando grande dificuldade de comunicação.

A professora falou comigo que todas as turmas fariam teste hoje. Falou que o teste da 7A seria diferente das outras (mais difícil) porque as outras turmas não conseguem resolver o teste da 7A.

Contou que no Colégio Santo Antônio, onde dá aulas de Português, ela teve problemas com a Associação dos Surdos, pois deu um trabalho diferenciado para as três alunas surdas da sala.

Falou para a turma que eles teriam cinco minutos além do horário para terminarem o teste e então falou comigo que pediria dez minutos da aula seguinte para os alunos terminarem o teste (pois a aula seguinte seria da professora que falou que ela havia liberado os alunos cedo) e completou: “já que ela está boazinha comigo hoje”.

Falou que ela já percebeu que os alunos sabem mais texto do que gramática. Disse que em outra escola, onde ela dá aula para todas as séries, ela percebeu que os alunos não lembram a gramática e, por isso, não sabem gramática; todavia, eles sabem texto.

Disse também que gosta de dar avaliações diversificadas: individuais, em duplas, em grupos; e explicou que esta avaliação não tinha sido preparada por ela,

mas por outra professora com a qual ela troca materiais. Às 8:00 h ela recolheu o teste e foi para outra sala de aula.

Na hora do intervalo fui para a sala dos professores, onde os mesmos estavam comendo macarrão e biscoito. Mariana me disse que já havia olhado os testes da 6B e que eles tinham se saído bem. Perguntei se a aluna surda tinha feito um bom teste e ela disse que não, que essa tinha sido a dupla com menor nota.

Às 9:55 h entramos na sala da 7A. A professora pediu que os alunos se sentassem em dupla e avisou que eles fariam um teste. Distribui os testes e explicou que as respostas tinham que ser dadas em Português. O texto falava sobre Koalas.

Um aluno perguntou o que é Koala e, em um tom irônico, ela falou: “Vocês não sabem o que é Koala?” E explicou que é um “bichinho”.

Falou com os alunos que ela precisaria sair para conversar com a mãe de uma aluna e que eu ficaria tomando conta. Os alunos ficaram quietos, mas por três vezes tive que pedir a alguns alunos que virassem para a frente ou que parassem de conversar.

Uma mulher entra na sala. Pela conversa que ouvi na sala dos professores, pressuponho que seja Cláudia, outra diretora. Ela chama a atenção da turma pela quantidade de advertências que os alunos levaram. Fala com uma aluna que ela está suspensa, avisa a Marcela que a mãe dela está no colégio e que quando ela terminar o teste é para juntar o material para ir embora junto com a mãe. Pede à turma para prestar atenção aos modos de agir, antes que o colégio tome outras providências. Ela sai da sala e os alunos continuam o teste.

Alguns alunos me chamaram e perguntaram os significados de algumas palavras, demonstrando que as técnicas de leitura empregadas não foram satisfatórias. Todavia, acho que os alunos conseguiram entender a idéia central do texto.

Às 10:20 h a professora volta para a sala. Alguns alunos entregam o teste e ficam andando pela sala, enquanto outros terminam.

PESQUISADORA: Fernanda Henriques Dias

NE006

DATA: 02 de setembro de 2004 (Quinta-feira)

HORA INÍCIO: 06:55 h

HORA TÉRMINO: 08:40 h

LOCAL: Escola Estadual João de Freitas

FENÔMENO: Aulas de Inglês das turmas 6B e 7A

Entrei na sala dos professores às 6:55 h, onde já se encontravam alguns professores, inclusive a Mariana. Sentei e ela, cansada, comentou comigo: “Nossa, tô sem coragem. Tô sem coragem para dar aula hoje.” E, depois de uma longa pausa continuou: “Podia ter reunião comigo hoje! Tô sem coragem e ainda tenho 15 aulas hoje.”

Esprei um tempo e então pedi permissão para tirar fotos nas aulas e ela disse que não tinha problema.

Fomos então para a sala. No corredor, a professora perguntou de onde eu era e se eu estava morando em Juiz de Fora.

Às 7:10 h entramos na sala. A Mariana ficou em pé na frente da sala, esperando silêncio, até 7:15 h. Duas alunas chegam atrasadas e ficam esperando na porta da sala, até que a professora permite a entrada das mesmas.

A professora então explica que, no lugar da prova, os alunos terão que fazer um trabalho. Avisa que a aula toda será usada para o trabalho mas que se eles não terminarem, poderão entregar na quinta-feira seguinte.

Karina me perguntou se eu havia visto o trabalho e se estava difícil. Eu respondi que não vi o trabalho. Ela perguntou meu nome e afirmou que eu vi o trabalho mas que eu não queria falar.

Fabiana fala que está sem seu estojo e pede, aluno por aluno, um lápis ou lapiseira emprestado (pede inclusive para mim).

A professora passa o trabalho no quadro, e os alunos copiam em silêncio, parando, de vez em quando, para reclamar da quantidade de números.

Nuno: – São quantos abecedários?

Mariana: – É para fazer com atenção, que se aí for errando, vai perdendo ponto.

- a) 987
- b) 321
- c) 123

- d) 444
- e) 555
- f) 332
- g) 222
- h) 876
- i) 654
- j) 943
- k) 866
- l) 545
- m) 323
- n) 364
- o) 149
- p) 236
- q) 344
- r) 498
- s) 700
- t) 600
- u) 918
- v) 948
- w) 815
- x) 711
- y) 612
- z) 636
- aa) 727
- bb) 848
- cc) 959
- dd) 222
- ee) 111
- ff) 740
- gg) 630
- hh) 240
- ii) 950
- jj) 843
- kk) 754

ll)	963
mm)	632
nn)	854
oo)	733
pp)	621
qq)	510
rr)	189
ss)	158
tt)	117
uu)	162
vv)	643
ww)	458

A professora fez chamada e os alunos continuaram reclamando da quantidade de exercícios.

Karina: – Ela passou o abecedário duas vezes quase!

Fernando: – É que ela quer lembrar a infância, de escrever de A a Z. Professora, quem não acabar pode levar pra casa?

Mariana: – Pode

Fernando: – Então não vou fazer aqui não. Se pode levar pra casa...

A professora fica brava e chama a atenção da turma e fala que os alunos são muito preguiçosos.

Os alunos ficam quietos, copiando ou resolvendo o exercício e só às vezes um conversa com outro.

Observei então que a aluna surda também estava escrevendo.

A professora fala com os alunos: “Agora vocês vão servir de modelo” e me avisa que eu posso tirar as fotos.

Os alunos continuam escrevendo e, depois das fotos, a professora comenta: “Que falsidade, héin gente! O Nuno ficou até olhando para o caderno, coisa que ele menos faz.”

Os alunos concordam e voltam a escrever. Às vezes, alguns alunos conversam um pouco ou passam bilhetes uns para os outros.

A professora, então, chama a atenção de um aluno que está conversando e pergunta se ele já acabou.

Duas alunas que estão sentadas perto de mim nunca acabam de copiar os números: cada vez que erram, arrancam a folha do caderno e começam a copiar de novo, mesmo faltando apenas dez minutos para acabar a aula.

A professora mexe em seu celular e sai da sala.

Os alunos conversam um pouco e então Fernando pergunta pela professora. Eles conversam alto e a professora, do lado de fora da sala, grita: “Eu estou aqui, tá!”. Os alunos fazem silêncio e continuam escrevendo.

A professora volta para a sala e vai passando de mesa em mesa, olhando os cadernos.

De início, ela pula a mesa da aluna surda, mas depois resolve olhar o caderno dela e me avisa que a aluna surda está fazendo tudo “e certo”.

A professora pergunta para Fernando de onde ele é e qual a idade dele. Ele diz que é de Maceió, que morou lá até os doze anos e que agora tem quinze anos.

A professora fala sobre Maceió. A aula acaba, ela junta o material e sai da sala.

Ao chegar na sala da sétima série A, tivemos que esperar o outro professor sair da sala. Entramos, então, às 7:55 h. A professora pede a um dos alunos para ir buscar os livros de Inglês na biblioteca (que é uma das salas do segundo andar) e distribuí-los entre os alunos. Ela sai da sala e avisa que vai passar exercícios na sétima série C e que já volta.

Enquanto isso os alunos ficam conversando, andando pela sala e lanchando. Só duas alunas ficam escrevendo, mas não dá para saber se tem relação com a matéria. Depois de cinco minutos a professora volta e manda quem ainda não terminou os exercícios da aula anterior, terminar. Quem já acabou, ela manda “fazer três conjuntos de palavras (retiradas do texto) com os seguintes segmentos: moradia, trabalho e alimentação” e escrever o que entenderam do texto, quais informações conseguiram tirar e avisa: “não é para traduzir não, héin!”.

Sai da sala novamente e vai para a sétima C. Os alunos ficam quietos, fazendo os exercícios.

A professora volta e avisa que eu vou tirar fotos. Os alunos fazem pose e depois fazem algumas piadinhas. Duas alunas de outra sala batem à porta e pedem uma régua emprestada (e avisam que foi a professora de arte quem mandou). Os

alunos reclamam que toda aula elas pedem alguma coisa emprestado e dizem que é pretexto delas para verem o Mariano (um dos alunos da sala).

Uma aluna diz que está com preguiça e a professora manda ela deixar de ser preguiçosa.

Os alunos ficam quietos fazendo os exercícios e, às vezes, um ou outro conversa um pouco.

A professora então fala comigo que adora História. Eu falo que também gosto mas que não tive bons professores de História no Ensino Fundamental. Ela me pergunta se eu dou aula e eu falo que dou aula de Inglês instrumental em um projeto da universidade.

Alguns alunos perguntam se o texto que eles têm que escrever é em Inglês. Ela responde: “Não! Se você souber!”. Pergunta a uma aluna se ela já acabou e sai da sala (vai na turma 7C). Alguns alunos conversam um pouco. A professora volta, fala comigo o nome de dois professores do FPL (faculdade onde estudou) e me pergunta se eu os conheço. Eu falo que não e ela então, voltando ao assunto anterior, fala que eles deviam ensinar Inglês instrumental na aula de Didática, porque ela não sabe nem o que é isso.

Uma aluna mostra para a professora fotos de atores, e a professora comenta quais ela acha bonito. Uma das alunas fala que um ator é gostoso e a professora fala que ela é muito nova para ficar usando este vocabulário. A turma toda fica agitada, comentando sobre os atores. A professora pede silêncio, mas não adianta.

Alguns alunos acabam e entregam os livros. A professora então fica conversando com eles sobre signos (e diz que não acredita nisso), até a aula acabar.

No corredor ela fala de novo que deviam ensinar Inglês instrumental nas aulas de Didática e comenta: “Se pelo menos a gente ganhasse melhor e pudesse trabalhar um pouco menos, aí a gente podia fazer uns cursos”.

PESQUISADORA: Fernanda Henriques Dias

NE007

DATA: 09 de setembro de 2004 (Quinta-feira)

HORA INÍCIO: 06:55 h

HORA TÉRMINO: 10:30 h

LOCAL: Escola Estadual João de Freitas

FENÔMENO: Aulas de Inglês das turmas 6B e 7A

No caminho para o colégio, Marlene me grita e começa a conversar comigo. Fala que vai ter prova de História hoje, e que ela estudou: “decorei o livro todo!”. Perguntei quais são as matérias que ela mais gosta e menos gosta. Ela disse que a melhor matéria é Matemática e que ela tira notas boas em Matemática e que a pior é Português porque ela não entende nada.

Na sala dos professores, uma professora, indignada, mostra a prova de um aluno toda escrita no verso. Os professores vêm a prova, ela explica que o que está escrito em letras maiores é o apelido do aluno. Embaixo, vem escrito na prova: “(enfia o pau no cú deles) → dos professores”.

O professor de física comenta: “Ainda é burro! Não sabe nem que essa palavra não tem acento” e depois de um tempo fala “O lugar de se consertar ele é na CERESP<sup>1</sup>.”

Os professores lêem um aviso para uma reunião no sábado e então reclamam.

A Mariana me mostra alguns textos em Inglês e me pergunta qual que ela já deu nas sexta e sétima séries.

Vamos então para a 6B.

A professora passa recolhendo os trabalhos e comenta: “É impressionante como vocês falam ‘Não fiz não’ na maior cara de pau!”.

Alguns alunos chegam atrasados e ela deixa-os entrarem. O Fernando comenta: “É a primeira vez que eu chego atrasado e a professora deixa eu entrar”.

A professora faz a chamada e mais um aluno chega atrasado.

Ela pede aos alunos para sentarem em duplas para trabalhar com os livros, porque não tem livro o suficiente para todos os alunos.

A aluna surda vai até a mesa da professora e “conversa” alguma coisa com ela, que não dá para saber o que é.

---

<sup>1</sup> Centro de Remanejamento de Presos

Karina fala “oi” comigo. A professora pede aos alunos para abrirem o livro na página 86 e pergunta, mostrando o texto da página: “Eu pedi para passar esse texto para o caderno, não pedi?” Os alunos respondem que sim e um deles afirma: “Era para traduzir também professora.”

Mariana: – Abram o texto no caderno também.

Fernando: – Eu não terminei. Vou ter que copiar.

A professora imita o sotaque do Fernando e passa olhando quem copiou. Fabiana me pergunta que dia é hoje.

Nuno: – É para traduzir também?

Mariana: – Yes. Vou dar um tempinho para terminar.

Um aluno avisa que está faltando páginas no livro. A professora reclama e fala que acabou de arrumar os livros: “Vocês rasgam esses livros, vocês é que saem prejudicados.” E vai à biblioteca procurar as páginas do livro. Enquanto isso os alunos ficam conversando baixo.

A bibliotecária entra na sala e chama a atenção dos alunos. Avisa que eles vão acabar ficando sem livros. Fala que vai passar nas outras salas, chamando a atenção dos outros alunos também.

A professora pergunta se alguém não fez o teste. Um aluno fala que não fez e ela avisa que vai pedir à próxima professora (de Ciências) para deixá-lo fazer a prova no horário da aula dela.

Chama a atenção de quatro alunas que estão conversando e olha se elas já acabaram. Manda elas traduzirem e passa na mesa da aluna surda e tenta explicar que é para ela traduzir o texto.

Os alunos ficam traduzindo em silêncio e, quando alguém conversa, a professora chama a atenção.

A aula acaba e a professora manda quem não terminou terminar em casa.

Vamos para a 7A. A professora pede a um dos alunos para buscar os livros na biblioteca e distribuir para os alunos. O aluno começa a distribuir os livros e os outros reclamam que não é aquele livro. A professora pede dois alunos que não tinham feito a prova para sentarem juntos para fazerem a prova. Pede a outra aluna para ir à biblioteca trocar os livros e avisa que enquanto isso ela vai na 7C passar atividades. Os alunos ficam conversando.

Marlene distribui os livros e me oferece um. Os alunos continuam conversando e andando pela sala. Os dois alunos que estão fazendo prova

perguntam para a turma a resposta de algumas questões. A Karina pergunta se eu não vou fazer nada e porque que eu não tinha deixado a turma colar e estava deixando eles colarem. Eu expliquei que naquele dia a professora tinha pedido para eu ficar olhando a turma para ela e que hoje ela não tinha falado nada.

Às 8:05 h a professora volta. Pede aos alunos para sentarem e fazerem silêncio.

Aluno: – Você já corrigiu a prova?

Mariana: – Não.

Aluno: – E o trabalho de números?

Mariana: – Não.

Os alunos reclamam e a professora pede silêncio. Pergunta em que questão ela parou (alunos: “24”) e pergunta o que ela pediu para fazer. Corrige oralmente o exercício do livro. Uma aluna pede para ela passar a resposta no quadro e ela faz cara de ironia.

Como o texto fala sobre vampiros, os alunos pedem para ela passar o filme “Drácula”. Os alunos ficam conversando e sugerindo filmes. A professora decide que vai passar “Entrevista com o Vampiro” e pergunta para as alunas se é nesse filme que conta a vida inteira do drácula. A professora pede silêncio. Os alunos continuam discutindo sobre o filme e a professora fala que porque eles falam muito, ela já não tinha dado música para eles no semestre anterior e que se eles continuassem ela também não ia passar filme.

A professora vai para a 7C e deixa os alunos à toa. Manda eles não conversarem e deixa um aluno anotando. A aula acaba, a professora volta, recolhe o material e sai da sala.

PESQUISADORA: Fernanda Henriques Dias

NE008

DATA: 13 de setembro de 2004 (Segunda-feira)

HORA INÍCIO: 07:00 h

HORA TÉRMINO: 08:30 h

LOCAL: Escola Estadual João de Freitas

FENÔMENO: ?

Fui ao colégio para assistir à aula posterior à de Inglês. Entrei na sala dos professores e logo depois de mim entrou a Marcelle. Ela avisou que uma professora de Matemática não ia dar aula e que a professora de Inglês também não porque estava doente. Os professores rearrumaram os horários e decidiram quem ia dar aula no lugar de quem. Fiquei esperando a Joana chegar, então pedi permissão para assistir às aulas de Ciências e de História na quinta feira. Procuramos os professores, mas como não os encontramos, Joana disse que ela conversaria com eles e que eu podia voltar na quinta que eles já estariam sabendo.

PESQUISADORA: Fernanda Henriques Dias

NE009

DATA: 16 de setembro de 2004 (Quinta-feira)

HORA INÍCIO: 07:00 h

HORA TÉRMINO: 07:15 h

LOCAL: Escola Estadual João de Freitas

FENÔMENO: ?

Fui ao colégio assistir às aulas combinadas com a Joana. Procurei os professores de Ciências e História e eles disseram que eu não poderia assistir às aulas, porque a Joana não havia conversado com eles.

PESQUISADORA: Fernanda Henriques Dias

NE010

DATA: 20 de setembro de 2004 (Segunda-feira)

HORA INÍCIO: 06:55 h

HORA TÉRMINO: 11:25 h

LOCAL: Escola Estadual João de Freitas

FENÔMENO: Aulas de Inglês e Português das turmas 6B e 7A

A professora chega na turma 6B e avisa que eles vão para outra sala. Leva os alunos para a sala de vídeo (uma sala com vídeo, TV, uma estante com várias fitas de vídeo e, na parede, vários cartazes com pensamentos enfeitam a sala). Eles ficam agitados e conversam muito.

A professora pede silêncio e avisa que eles vão assistir a um documentário sobre o conde Drácula e começa o filme. O filme é legendado e o som é impossível de ouvir, já que o filme é antigo.

A maioria dos alunos presta atenção, mas alguns conversam. A professora faz a chamada durante o filme.

Em uma parte do filme, a professora assusta e grita. Os alunos riem dela. Depois, a professora troca uma aluna que está conversando de lugar.

O horário da aula acaba, e a professora avisa que vai terminar de passar o documentário na próxima aula.

Os alunos voltam para a sala. Como a aula posterior seria a de Português, procurei a Joana e ela pediu permissão à professora para eu assistir à aula da 6B e também conversou com a professora de Português da 7A (já que são professoras diferentes).

A professora da 6B fala que eu posso assistir à aula dela, mas que da próxima vez, se a Joana for levar algum estagiário para ela, ela só vai aceitar se o estagiário for dar aula para ela e fala que já cansou de receber estagiário para ficar só olhando.

A professora entra na sala e pergunta se alguém tinha faltado aula no dia da prova. Como ninguém respondeu, ela repete a pergunta. Da terceira vez que ela pergunta, um aluno fala que não fez prova e ela então começa a brigar com a turma, que eles são muito distraídos e relaxados e que ele havia perdido prova e nem havia procurado por ela. O aluno explica que teve problemas em casa, e ela continua chamando a atenção. O aluno diz que depois a mãe dele conversaria com

a professora e pediria para ela dar outra prova para ele. A professora então separa o aluno e dá uma prova para ele ir fazendo durante a aula.

Fala que as notas não foram boas e que eles precisam estudar mais. Chama atenção do Nuno, que está conversando e fala que conversa muito e que se ele desse um pio durante a aula ela o mandaria para fora de sala.

Manda os alunos abrirem o livro na página 169 e pede um aluno para ler o exercício (que ela havia mandado fazer em casa). O aluno fala que não fez e ela então pergunta quem fez. Como só três alunos haviam feito, a professora fica nervosa e fala que, como castigo, além de terem que fazer o exercício, eles teriam que copiar o enunciado e as perguntas todas.

Os alunos ficam quietos, em silêncio. A professora faz a chamada e fala que é para eles irem copiando soltando linhas, para depois responderem. A professora sai da sala e os alunos ficam em silêncio copiando. A professora volta e uma aluna de outra sala entrega uma prova para ela. Ela corrige a prova.

Um aluno vai até à mesa da professora. Alguns alunos conversam. Um aluno pergunta a data. Um aluno sai da sala e volta logo depois. O Nuno conversa com os alunos do lado dele e com a professora, e ela não faz nada. Ela pede um corretivo emprestado e fica escrevendo (parece que corrigindo provas da outra turma).

A professora passa de mesa em mesa olhando os cadernos. Um aluno a chama e ela explica o exercício para ele.

A professora fala com ironia que a sala é quieta “Qualquer coisa a gente tira meia dúzia daqui que melhora mais ainda.” Os alunos continuam copiando. Alguns conversam. A professora sai da sala. Os alunos ficam conversando, até a professora voltar.

Um aluno pede para ir ao banheiro e a professora deixa. Ela avisa que vai pedir um trabalho sobre provérbios e ditados populares. A professora sai da sala e depois de um tempo volta. Fala que vai corrigir os exercícios e os alunos pedem mais tempo, e ficam quietos, copiando.

A professora dita as notas da prova e diz que eles vão receber as provas depois. Fala que as turmas 6A e 6C estão adiantadas, principalmente a 6C. Os alunos reclamam que tudo é a 6C e perguntam sobre as notas das outras salas. Os alunos falam que a turma deles é a melhor porque foi a única que teve alguém que fechou a prova. A professora pede silêncio, mas eles continuam conversando.

O aluno que fechou a prova fala que chutou bem.

A professora avisa que o dever de casa vai ser copiar um texto, em castigo aos que não fizeram os exercícios. Pede a eles para abrirem o livro e mostra o texto de duas páginas que será o dever. Chama atenção dos alunos que estão conversando e eles ficam quietos.

Fala que o aluno que fechou a prova é muito bom, mas que a letra dele é horrível. Fala que a prova foi tirada de um livro de quinta série e que muita gente tinha que ter fechado.

Os alunos conversam e reclamam do texto que terão que copiar. A professora dita mais exercícios, até dar 9:25 h, quando as outras turmas foram sendo liberadas e não foi possível continuar ditando, por causa do barulho.

Às 9:55 h, Mariana levou os alunos da 7A para a sala de vídeo. Antes de começar o documentário (o mesmo da sexta série), ela muda uma aluna de lugar. Avisa aos alunos que eles vão assistir a um documentário sobre o conde Drácula e que depois vão fazer um trabalho sobre o documentário para o quarto bimestre. Fala um pouco sobre o documentário.

A professora rebobina a fita e os alunos pedem para apagar a luz. A professora deixa, mas avisa que se eles conversarem ela vai acender a luz. O filme começa e ela faz chamada.

Os alunos ficam inquietos, conversam, olham para os lados, reclamam. A professora fala que quem conversar vai para a diretoria.

Uma aluna reclama da imagem tremendo (e que agora estava bem pior do que na aula da sexta série).

Outra turma desce para a sala de vídeo e fica conversando/gritando do lado de fora. Os alunos prestam atenção ao que está acontecendo do lado de fora. Os outros alunos voltam para a sala de aula, gritando. É impossível ouvir o vídeo. Os alunos ficam quietos.

Passa uma turma gritando do lado de fora e os alunos prestam atenção na turma. A professora passa o vídeo até acabar a aula e avisa que vai continuar na próxima aula.

A professora de Português chega às 10:40 h na sala e só tem quatro alunos na sala. Todos os outros estão no corredor tomando sol. A professora chama os alunos para a sala e eles entram gritando e dois alunos brigando. A professora fala

que vai reclamar com a Marcele e muda alguns alunos de lugar. Manda eles assentarem para fazerem a prova e eles falam que a prova é amanhã.

A professora pára na porta da sala e fala: “Daqui a pouco vai alguém para fora!” Avisa que hoje será a prova de interpretação e que a parte de gramática fica para a próxima aula. Os alunos continuam reclamando que a prova não é hoje.

A professora vai para a frente da sala e fica esperando. Uma aluna chama a atenção dos outros: “Oh moçada vão calar a boca aí!”.

Às 10:50 h a professora distribui as provas e avisa que é para fazer até a letra f, de caneta.

Um dos alunos comenta: “Nossa, não tô entendendo nada desse poema complicado”.

E o outro, num tom irônico completa: “Nossa, lindo o poema”.

Finalmente os alunos fazem silêncio, mas sempre alguém faz um comentário ou uma pergunta sobre a prova.

Às 11:00 h um aluno avisa que acabou. Vários alunos acabam e ficam à toa na sala, conversando. A professora inicialmente chama a atenção, mas depois começa a conversar com alguns alunos e aí a sala toda conversa. Os alunos guardam o material e ficam prontos para ir embora. Eles pedem à professora para recolher a prova. Ela olha os trabalhos de alguns alunos, enquanto eles andam pela sala e conversam.

Às 11:20 h ela recolhe as provas e libera os alunos.

## ANEXO 3

## Transcrição 1

01	Fernanda	é:: só queria saber porque você escolheu (.) fazer o
02		curso de <u>letras</u> .
03	Mariana	eu sempre gostei de:: das matérias, né? português,
04		inglês (.) e:: eu pensei muito >no mercado de trabalho
05		em juiz de fora <u>também</u> <. <u>quando</u> eu <u>entrei</u> no curso de
06		letras, eu <u>entrei</u> :: pensando mais no mercado de
07		trabalho, do que (nas próprias) matérias, ↑mas eu me
08		identifiquei. ado:ro, ↑gosto mesmo de dar aula. mas eu
09		pensei, eu não queria sair de juiz de fora e:: a
10		princípio eu tinha vontade de fazer: ↑comunicação (.) e
11		eu achei que o mercado aqui é muito seria muito
12		>difícil< (.) pra comunicação. então eu pensei alguma
13		coisa <u>nessa área</u> que (.) me desse um: mercado de
14		trabalho razoável ( ).
15	Fernanda	e você já tinha tido alguma experiência com:: ↑a sala
16		de aula?
17	Mariana	não:. antes de escolher o curso de letras não. eu <u>tenho</u>
18		(.) alguns parentes que são professores.
19	Fernanda	humhum
20	Mariana	entendeu? então já tinha assim um <u>contato</u> . ↓já
21		conhecia, é:: já tinha uma idéia de como seria - minha
22		rotina
23	Fernanda	humhum. e:: como você escolheu os lugares que você ia
24		↓trabalhar:::? ↓como é que foi?
25	Mariana	ah não. isso: foi de acordo com o que foi: surgindo
26		↓assim. hoje eu já é, já é uma escolha. hoje o lugar
27		que eu trabalho eu que escolhi <u>mesmo</u> . mas a: a
28		princípio <u>não</u> . o que foi aparecendo a gente vai pegando
29		- tudo. e <u>depois</u> quando eu passei no concurso do estado
30		e da prefeitura, aí você fica mais(.) é:: mais à
31		vontade. cê pode escolher, né? aí eu escolhi. é::
32		geralmente a gente escolhe por informações "ah, já
33		trabalhei em tal colégio, é bom, é: os alunos são
34		bons." é: o público, né, o tipo de aluno trabalhado
35		↓bom, é tranquilo.
36	Fernanda	e você dá aula num colégio <u>particular</u> , é:: estadual e::
37	Mariana	tem o da prefei[tura.
38	Fernanda	[da prefeitura. é: e qual deles dá mais
39		apoio ↑ao inglês ↓(como) matéria?
40		(3.0)
41	Mariana	eu acho que o municipal. pelo menos na escola que <u>eu</u>
42		trabalho.
43	Fernanda	humhum
44	Mariana	eu acho que::[
45	Fernanda	[de todas elas, do: do municipal, dão
46		apoio, é?
47	Mariana	não, não, é. (.) depende da escola, <u>assim</u> . eu acho que
48		não é a <u>rede</u> que define isso.

49	Fernanda	humhum
50	Mariana	entendeu? eu acho que é a escola. eu trabalho em três
51		escolas da prefeitura. uma me dá muito apoio. as
52		outras, (.) indiferente. mas aí eu acho também que
53		todas as matérias são indiferentes. a escola não dá
54		apoio para matéria nenhuma então, é. eu acho, que eu
55		sinto isso, entendeu? a escola que é boa que dá apoio
56		mesmo quer dá apoio pra, pra qualquer áreas. são:
57	diferentes.	
58	Fernanda	[humhum
59	Mariana	[eu acho que depende da escola, da direção.
60	Fernanda	e em relação aos alunos?
61	Mariana	qual é o melhor?
62	Fernanda	não, como que eles reagem à matéria:?
63	Mariana	eu acho que inglês é uma, é: mais ou menos assim. (.)
64		tem aluno que gosta muito e tem aluno que não gosta
65		muito também. é difícil um aluno a tanto faz, >tem
66		aluno que gosta muito e tem aluno que DETESTA mesmo<.
67		mas geralmente eu não tenho problema assim de (.) "ah
68		não vou fazer de jeito nenhum", "ah, num quero de jeito
69	nenhum".	
70	Fernanda	humhum
71	Mariana	não tenho grandes problemas não. ( ) mais pro natural
72		mesmo. tem quem gosta, tem quem não gosta, como todas
73		as matérias.
74	Fernanda	e os pais? eles têm alguma influência? ou::
75	Mariana	eu acho que os pais (.) dão pouco valor ao inglês, dão
76		pouco é:: apoio em casa. às vezes eu precisaria de mais
77		(.) porque eles são mais >preocupados com< a
78		matemática, com portugueses:.
79	Fernanda	humhum. então você acha que eles dão apoio pras outras
80		matérias [e não dão pro inglês.
81	Mariana	[eu acho que sim. eu acho que eles não se
82		preocupam muito. só quando a nota do aluno começa a
83		cair que eles olham o boletim. ">uai<, inglês? mas,
84		inglês? ↑matéria tão boba, né? ↑perdendo nota?" aí eles
85		(.) vêm aqui (.) como aconteceu hoje, né? o pai da
86		garota da sétima série, a mãe veio, a menina tirou dois
87		no segundo bimestre, agora que ela tá vindo aqui (.)
88		pra vê porque tirou dois. >quer dizer< não acompanhou
89		prova, não acompanhou caderno, ↑não tem noção que a
90		menina não tá fazendo nada=
91	Fernanda	=desde o início, né?
92	Mariana	pois é.
93	Fernanda	e:: como que os alunos reagem à matéria? que tipo de
94		matéria que eles gostam mais::?
95	Mariana	eles não, o que eles gostam menos eu acho que é sem
96		dúvida a gramática. (.) até texto eles gostam bem de
97		tentar traduzir e quando eles conseguem começar a
98		entender um texto eu vejo que eles gostam, que acham
99		que é interessante: eles gostam de algumas atividades
100		assim eu acho que de vez em quando eles preferem fazer
101	umas atividades mais lúdica também.	
102	Fernanda	(como?)
103	Mariana	é com música para pegar um pouco de pronúncia ou então
104		pegar a gramática e trabalhar dentro de uma música. é::
105		eu faço às vezes, na quinta série por exemplo, é:: pra
106		aprender vocabulário, então, eu faço tipo um café da
107		manhã, eles trazem as comidas que é pra aprender

108		<u>vocabulário</u> , e isso sempre dá resultado <u>assim</u> , pra eles
109		<u>estudarem</u> o vocabulário em casa, vim sabendo o que que
110		tem na escola pública, isso eu acho interessante de vez
111		em quando e colocar isso pra dar um estímulo. se ficar
112		só por conta de gramática, gramática, >gramática<,
113		essas crianças gostam (.) sempre que fazem melhor. a
114		gramática é: mais (formal).
115	Fernanda	aí quando você faz esse tipo de atividade eles costumam
116		praticar a fala também.
117	Mariana	é. a fala também. a <u>fala</u> em colégio público do estado
118		ela é <u>muito</u> difícil por causa do número de alunos em
119		sala. então pra falar eu (.) quando a gente vai
120		trabalhar a fala eu perco <u>muitas</u> aulas. porque o aluno
121		não pode falar uma vez só, (.) não adianta nada. então
122		às vezes eu perco <u>muitas</u> aulas. então a fala,
123		principalmente no <u>estado</u> , que as salas são muito
124		grandes é <u>muito</u> difícil de trabalhar.
125	Fernanda	qual é o número de alunos (geralmente)?
126	Mariana	trinta e <u>cinco</u> , tem turma de <u>quarenta</u> , >tem turma até
127		de quarenta e cinco< (.) nessas escolas. (.) na, no
128		<u>particular</u> , eu já tive turma de <u>setenta e oito</u> alunos.
129		(.) o rendimento é::, é absurdo, >assim< quase nenhum.
130		com setenta e oito alunos, cê tem aluno de todos os
131		<u>níveis</u> , (.) é <u>muito</u> difícil você conseguir muito (.)
132		(os interesses) de <u>todos</u> assim. na maioria ( ). e a
133		fala fica prejudicada. eu acho que a: a gramática é que
134		funciona mais com um número grande né? que a gramática
135		não tem problema (.) e o, o texto também eu acho que
136		funciona. eu trabalho com um <u>grupo</u> de texto um ajuda o
137		outro e vejo que o vocabulário <u>vai</u> melhorando. no
138		início eles pegam um texto de inglês, no início do ano,
139		e <u>quase</u> não sai nada. no meio do ano e no final do ano
140		(eles não precisam de ajuda em nada) do vocabulário.
141		eles já vão passando a entender pelo <u>contexto</u> , já vão,
142		(.) assim, (.) pelo menos é::, é ter uma <u>idéia</u> do que
143		que o texto fala sozinho, sem ter: <sup>o</sup> tanta influência
144		minha <sup>o</sup> .
145	Fernanda	humhum. e::, ↓em relação ao listening, ↑você trabalha
146		com a música mesmo?
147	Mariana	é. mais <u>só</u> música (.). a gente não tem muito material
148		né.
149	Fernanda	humhum.
150	Mariana	o que peca aí é o material.
151	Fernanda	é porque, o li:vro é emprestado, né?
152	Mariana	é.
153	Fernanda	e no caso de fita você que tem que conseguir, ou a
154		[escola tem alguma?
155	Mariana	[é. só se eu conseguir. não. [a escola não tem nada.=
156	Fernanda	[não tem:
157	Mariana	=é:: eu acredito que: esses livros são muitos antigos,
158		né? pode ser até que eles (.) <u>tivessem</u> fita, mas só não
159		<u>existe</u> mais. se perde, não tem muito mais, não <u>tem</u> o
160		material na escola. a escola não <u>tem</u> material. aí eu
161		peguei e comprei o material <u>com os alunos</u> . <u>turmas</u>
162		diferentes, <u>níveis</u> diferentes, <u>muitos</u> alunos, (.) então
163		esse material para eu <u>fornecer</u> todo o material é uma
164		coisa <u>difícil</u> se a escola não tiver como. aí dá pra
165		entender como a gente não consegue trabalhar. (.) não
166		tem cd:
167	Fernanda	você sabe de onde os alunos vêm? de quais <u>bairros</u> ?

168	Mariana	<u>aqui</u> (.) nesse colégio tem alunos que moram por aqui,
169		no centro mesmo, perto, e <u>aqui</u> , por ser escola central
170		tem, nós temos <u>vários</u> bairros da cidade. (.) entendeu?
171	Fernanda	não tem uma área definida então [não?
172	Mariana	[não.
173	Fernanda	tem escolas estaduais que têm bairros definidos.
174	Mariana	é. mas no bairro geralmente é exclu é: o aluno é do
175		bairro, né? mas numa escola central teria vários
176		bairros.
177	Fernanda	tá bom. (.) obrigada. (.) só isso.

## ANEXO 4

## Transcrição 2

Transcrição separada em trechos de forma a facilitar, visualmente, a análise.

01	Fernanda	é:: só queria saber porque você escolheu (.) fazer o curso de letras.
02		
03	Mariana	eu sempre gostei de:: das matérias, né? português, inglês (.)
04		
05		e:: eu pensei muito >no mercado de trabalho em juiz de fora também<.
06		
07		<u>quando</u> eu entrei no curso de letras,
08		eu <u>entrei</u> :: pensando mais no mercado de trabalho,
09		do que (nas próprias) matérias,
10		↑mas eu me identifiquei.
11		<u>ado:ro</u> , ↑gosto mesmo de dar aula.
12		mas eu pensei,
13		eu não queria sair de juiz de fora e::
14		a princípio eu tinha vontade de fazer: ↑comunicação
15		(.) e eu achei que o mercado aqui é muito seria muito
16		>dificil< (.) pra comunicação.
17		então eu pensei alguma coisa <u>nessa área</u>
18		que (.) me desse um: mercado de trabalho razoável ( ).

19	Fernanda	e você já tinha tido alguma experiência com:: ↑a sala de aula?
20		
21	Mariana	não::
22		
23		antes de escolher o curso de letras não.
24		eu <u>tenho</u> (.) alguns parentes que são professores.
25	Fernanda	humhum
26	Mariana	entendeu?
27		então já tinha assim um <u>contato</u> .
28		já conhecia, é::
		já tinha uma idéia de como seria - minha rotina

29	<b>Fernanda</b>	humhum. e::: como você escolheu os lugares que você ia
30		↓trabalhar:::?? ↓como é que <u>foi</u> ?
31	<b>Mariana</b>	ah não.
32		isso: foi de acordo com o que foi: surgindo ↓assim.
33		hoje eu já é,
34		já é uma escolha.
35		hoje o lugar que eu trabalho eu que escolhi <u>mesmo</u> .
36		mas a: a princípio <u>não</u> .
37		o que foi aparecendo a gente vai pegando - tudo.
38		e <u>depois</u> quando eu passei no concurso do estado e da
39		<u>prefeitura</u> ,
40		aí você fica mais(.) <u>é</u> ::: mais à vontade.
41		cê pode escolher, né?
42		aí eu escolhi. é:::
43		geralmente a gente escolhe por informações
44		"ah, já trabalhei em tal colégio,
45		é bom, é: os alunos são bons."
46		é: o público, né,
47		o tipo de aluno trabalhado
48		↓bom, é tranquilo.

49	<b>Fernanda</b>	e você dá aula num colégio particular, é:: estadual e::
50	<b>Mariana</b>	tem o da prefei[tura.
51	<b>Fernanda</b>	[da prefeitura. é: e qual deles dá mais
52		apoio ↑ao inglês ↓(como) matéria?
53		(3.0)
54	<b>Mariana</b>	eu acho que o municipal.
55		pelo menos na escola que <u>eu</u> trabalho.
56	<b>Fernanda</b>	humhum
57	<b>Mariana</b>	eu acho que::[
58	<b>Fernanda</b>	[de todas elas, do: do municipal, dão
59		apoio, é?
60	<b>Mariana</b>	não, não, é. (.)
61		depende da escola, <u>assim</u> .
62		eu acho que não é a <u>rede</u> que define isso.
63	<b>Fernanda</b>	humhum
64	<b>Mariana</b>	entendeu?
65		eu acho que é <u>a</u> escola.
66		eu trabalho em três escolas da prefeitura.
67		uma me dá muito apoio
68		as outras, (.) indiferente.
69		mas aí eu acho também que todas as matérias são
70		indiferentes.
71		a escola não dá apoio para matéria nenhuma então, é.
72		eu acho, que eu sinto isso,
73		entendeu?
74		a escola que é boa que dá apoio <u>mesmo</u> quer dá apoio pra,
75		pra qualquer áreas.
76		são: diferentes.
77	<b>Fernanda</b>	[humhum
78	<b>Mariana</b>	[eu acho que depende da <u>escola</u> , da direção.

79	<b>Fernanda</b>	e em relação aos alunos?
80	<b>Mariana</b>	qual é o melhor?
81	<b>Fernanda</b>	não, como que eles <u>reagem</u> à matéria:?
82	<b>Mariana</b>	eu acho que inglês é uma,
83		é: mais ou menos assim. (.)
84		tem aluno que gosta muito
85		e tem aluno que não gosta <u>muito</u> também.
86		é difícil um aluno a tanto faz,
87		>tem aluno que gosta muito
88		e tem aluno que <u>DETESTA</u> mesmo<.
89		mas geralmente eu não tenho problema assim de (.)
90		"ah não vou fazer de jeito nenhum",
91		"ah, num quero de jeito nenhum".
92	<b>Fernanda</b>	humhum
93	<b>Mariana</b>	não tenho grandes problemas não.
94		( ) mais pro natural mesmo.
95		tem quem gosta,
96		tem quem não gosta,
97		como todas as matérias.

98	<b>Fernanda</b>	e os pais? eles têm alguma influência? ou::
99	<b>Mariana</b>	eu acho que os pais (.)
100		dão pouco valor ao inglês,
101		dão pouco é:: apoio em casa.
102		às vezes eu precisaria de mais (.)
103		porque eles são mais >preocupados com< a matemática, com
104		português:.
105	<b>Fernanda</b>	humhum. então você acha que eles dão apoio pras outras
106		matérias [e não dão pro inglês.
107	<b>Mariana</b>	[eu acho que sim.
108		eu acho que eles não se preocupam muito.
109		só quando a nota do aluno começa a cair que eles olham o
110		boletim.
111		">uai<, inglês?
112		mas, inglês?
113		↑matéria tão boba, né?
114		↑perdendo nota?"
115		eles (.) vêm aqui (.)
116		como aconteceu hoje, né?
117		o pai da garota da sétima série,
118		a mãe veio,
119		a menina tirou dois no segundo bimestre,
120		agora que ela tá vindo aqui (.)
121		pra vê porque tirou dois.
122		>quer dizer<
123		não acompanhou prova,
124		não acompanhou caderno,
125		↑não tem noção que a menina não tá fazendo nada=
126	<b>Fernanda</b>	=desde o início, né?
127	<b>Mariana</b>	pois é.

128	<b>Fernanda</b>	e:: como que os alunos reagem à matéria? que tipo de
129		matéria que eles gostam mais::?
130	<b>Mariana</b>	eles não,
131		o que eles gostam menos eu acho que é sem dúvida a
132		gramática. (.)
133		até texto eles <u>gostam</u> bem de tentar traduzir
134		e quando eles <u>conseguem</u> começar a entender um <u>texto</u>
135		eu vejo que eles gostam,
136		que acham que é interessante:.
137		eles gostam de algumas atividades assim
138		eu acho que de vez em quando eles preferem fazer umas
139		atividades mais lúdica também.
140	<b>Fernanda</b>	(como?)
141	<b>Mariana</b>	é com <u>música</u> para pegar um pouco de pronúncia
142		ou então pegar a gramática
143		e trabalhar dentro de uma <u>música</u> . é::
144		eu faço às vezes,
145		na quinta série por exemplo, é::
146		pra aprender vocabulário, então,
147		eu faço tipo um café da manhã,
148		eles trazem as comidas que é pra aprender <u>vocabulário</u> ,
149		e isso sempre dá resultado <u>assim</u> ,
150		pra eles <u>estudarem</u> o vocabulário em casa,
151		vim sabendo o que que tem na escola pública,
152		isso eu acho interessante de vez em quando
153		e colocar isso pra dar um estímulo.
154		se ficar só por conta de gramática, gramática,
155		>gramática<,
156		essas crianças gostam (.)
157		sempre que fazem melhor.
158		a gramática é: mais (formal).

159	<b>Fernanda</b>	aí quando você faz esse tipo de atividade eles costumam
160		praticar a fala também.
161	<b>Mariana</b>	é. a fala também.
162		a <u>fala</u> em colégio público do estado
163		ela é <u>muito</u> difícil por causa do número de alunos em
164		sala.
165		então pra falar eu (.)
166		quando a gente vai trabalhar a fala
167		eu perco <u>muitas</u> aulas.
168		porque o aluno não pode falar uma vez só,
169		não adianta nada.
170		então às vezes eu perco <u>muitas</u> aulas.
171		então a fala,
172		principalmente no <u>estado</u> , que as salas são muito
173		grandes
174		é <u>muito</u> difícil de trabalhar.

175	<b>Fernanda</b>	qual é o número de alunos (geralmente)?
176	<b>Mariana</b>	trinta e <u>cinco</u> , tem turma de <u>quarenta</u> ,
177		>tem turma até de quarenta e cinco< (.) nessas escolas.
178		(.)
179		na, no <u>particular</u> ,
180		eu já tive turma de <u>setenta e oito</u> alunos. (.)
181		(.) o rendimento é::, é absurdo,
182		>assim< quase nenhum.
183		com setenta e oito alunos, cê tem aluno de todos os
184		níveis, (.)
185		é <u>muito</u> difícil você conseguir muito (.)
186		(os interesses) de <u>todos</u> assim. na maioria ( ).
187		e a fala fica prejudicada.
188		eu acho que a: a gramática é que funciona mais com um
189		número grande né?
190		que a gramática não tem problema (.)
191		e o, o texto também eu acho que funciona.
192		eu trabalho com um <u>grupo</u> de texto um ajuda o outro
193		e vejo que o vocabulário <u>vai</u> melhorando.
194		no início eles pegam um texto de inglês,
195		no início do ano,
196		e <u>quase</u> não sai nada.
197		no meio do ano e no final do ano (eles não precisam de
198		ajuda em nada) do vocabulário.
199		eles já vão passando a entender pelo <u>contexto</u> ,
200		já vão, (.) assim, (.) pelo menos é::,
201		é ter uma idéia do que que o texto fala sozinho,
202		sem ter: °tanta influência minha°.

203	Fernanda	humhum. e::, ↓em relação ao listening, ↑você trabalha com a música mesmo?
204		
205	Mariana	é. mais <u>só</u> música (.).
206		a gente não tem muito material né.
207	Fernanda	humhum.
208	Mariana	o que peca aí é o material.
209	Fernanda	é porque, o li:vro é emprestado, né?
210	Mariana	é.
211	Fernanda	e no caso de fita você que tem que conseguir, ou a
212		[escola tem alguma?
213	Mariana	[é. só se eu conseguir. não. [a escola não tem nada.=
214	Fernanda	[não tem:
215	Mariana	=é:. eu acredito que: esses livros são muitos antigos,
216		né?
217		pode ser até que eles (.) <u>tivessem</u> fita,
218		mas só não <u>existe</u> mais.
219		se perde,
220		não tem muito mais,
221		não <u>tem</u> o material na escola.
222		a escola não <u>tem</u> material.
223		aí eu peguei e comprei o material <u>com</u> os alunos.
224		<u>turmas</u> diferentes,
225		<u>níveis</u> diferentes,
226		<u>muitos</u> alunos, (.)
227		então esse material para eu <u>fornecer</u> todo o material é
228		uma coisa difícil
229		se a escola não tiver como.
230		aí dá pra entender como a gente não consegue trabalhar.
231		(.)
232		não tem cd:

233	Fernanda	você sabe de onde os alunos vêm? de quais <u>bairros</u> ?
234	Mariana	<u>aqui</u> (.) nesse colégio tem alunos que moram por aqui, no
235		centro mesmo, perto,
236		e <u>aqui</u> , por ser escola central tem, nós temos <u>vários</u>
237		bairros da cidade. (.)
238		entendeu?
239	Fernanda	não tem uma área definida então [não?
240	Mariana	[não.
241	Fernanda	tem escolas estaduais que têm bairros definidos.
242	Mariana	é. mas no bairro geralmente é exclu é:
243		o aluno é do bairro, né?
244		mas numa escola central teria vários bairros.
245	Fernanda	tá bom. (.) obrigada. (.) só isso.